

## EDITORIAL

### QUALIDADE DE VIDA

A preocupação com o bem estar individual e coletivo, incluindo aí o sofrimento urbano, deveria ser uma política constante dos governantes e de toda a sociedade. O que significa, na prática, a implementação de projetos de geração de serviços às pessoas, em particular as que vivem esquecidas, as vulneráveis, marginalizadas, as pobres, enfermas, deficientes, idosas, crianças e mulheres em situações de risco, jovens drogados e toxicodependentes, desempregados ou subempregados, todos na expectativa de serem atores e agentes ativos da cidadania e de constituição - ou restituição - da dignidade e da consciência humano- social.

Todos somos protagonistas e responsáveis pela instituição e estruturação de uma cidade participativa, assertiva, viva, hospitaleira. Uma espécie de compromisso antropológico, envolvendo o social, o humano, o administrativo, o estético, o urbanístico, o ecológico, o espiritual.

O combate não só às mazelas sociais, mas também à poluição, à sujeira. O social e o ambiental andando de mãos dadas, pois qualidade de vida começa e se compartilha com a estética, a higiene, arborização e ajardinamento de vias públicas, coleta regular de lixo, a correta apli-

cação dos impostos. Fundamental a participação da população para o desempenho dessas políticas e dessa identidade da marca coletiva a que todos tem direito – e deveres: o usufruto da paz, da solidariedade, do não sofrimento, da dignidade.

A coletividade tem, por opção e decisão autônoma, como sanar seus principais problemas, legando uma existência honrada, equilibrada, de bom nível aos seus moradores. O cidadão é a principal e essencial peça de todo esse processo. Cabe-lhe aprimorar-se sempre, buscar o acesso à informação, à qualificação, ao conhecimento de qualquer naipe, à cultura, à iluminação da consciência, ao amplo direito de opinião, à participação cívica, à pesquisa, ao exercício do senso crítico, à reflexão, à conscientização dos problemas pessoais, sociais, existenciais, espirituais e universais. Emprestar sua total colaboração à melhoria das condições de vida ambiental. Cobrar mais dos detentores do poder e da política pública, exigindo eficiência quanto ao direcionamento dos impostos pagos, a uma gestão de qualidade. Como consumidor e contribuinte, requerer que órgãos e empresas públicas sejam eficientes em seus planejamentos e ações, de forma a proverem e promoverem a riqueza, com ganhos reais para todos.

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### A "BOLADA"

A agência bancária fechara subitamente as portas. Aliás, tal e qual, como tantas outras instituições financeiras, sediadas em pequenas comunidades, procederam no passado. Na calada da noite, na surdina, podia-se dizer. Os clientes - poucos, aliás - apenas foram avisados praticamente na véspera, alguns dias antes. Os funcionários, alguns demitidos, outros remanejados para agências da região ou até mesmo distantes.

Um corre corre desses poucos e de outros avisados, de última hora, que acorreram à agência para definir sua situação. Aflição e temor estampados nos rostos simples da clientela. Praticamente todas as contas, porém, transferidas à revelia para uma cidade próxima. Muita gente, em especial pequenos clientes e aplicadores, diz-se, viriam a perder saldos ou tiveram extrema dificuldade, senão impossibilidade, em controlar, à distância, suas parcas economias e fruto de seu suado trabalho braçal. Não existia, então, internet e outras formas de acompanhamento eletrônico da vida bancária. Como deslocar-se 40 km para movimentar a conta corrente ou simplesmente conferir seu saldo na poupança?

Embora tantas pessoas prejudicadas ou confusas ante o abrupto fechamento da agência na cidade, com o nosso amigo Sr. C. deu-se um fato inusitado. Era ele cliente forte da agência, dadas as suas atividades profissionais e empresariais. Além de depositante, fazia uso de consideráveis empréstimos, tornando-se um dos maiores tomadores da agência. Transferida igualmente a sua movimentação para a agência da cidade vizinha - inúmeras contas, diga-se de passagem - procurou, ainda que à distância, valendo-se do telefone fixo, acompanhar seus saldos, quer em conta corrente, quer aplicações financeiras e empréstimos. Era época do (des)governo Sarney, inflação descontrolada, que chegou ao assombroso patamar de 80% a/m.

As aplicações eram geralmente através do overnight, ou seja, uma espécie de "aplicação noturna"(um "passeio" noturno do dinheiro aos cofres furados do Governo) e muita gente, fala-se, ganhou farto

dinheiro com isso, utilizando-se de depósitos e saldos parados de clientes. Nosso amigo C., como vimos, acompanhava zelosa e diariamente sua movimentação. Mar rotineiro, até que, certo dia, surpreende-se e muito. Fora realizado um depósito astronômico em uma de suas contas. Perplexidade. Algum engano, pensa, e que logo seria corrigido pelo banco. Aguarda mais um dia, dois, uma semana – e lá estava o dinheiro. Busca esclarecer-se junto à agência. É informado de que se tratava de uma operação normal. Um crédito de terceiros, em código, em sua conta.

Consulta advogados. Decide não tocar no dinheiro. O gerente, todavia, passa a telefonar-lhe insistentemente. Que aplicasse, que o dinheiro estava desvalorizando a olhos vistos, que o governo estava pegando dinheiro no laço, uma insanidade não movimentar tamanho valor. Quase um mês já passado, resolve então aplicar, o que se estende por quase um ano.

Estando para se encerrar o governo Sarney e eleito Collor, um desconhecido nordestino, nosso experiente amigo C deduziu que, se ninguém nesse período de um ano reclamara o dinheiro, o banco oficialmente ciente do fato não lhe dera solução e ante a posse iminente de um possível destrambelhado à frente do governo, decide sacar o dinheiro. Um grande acerto, pois, tão logo tomou posse, o novo presidente, abusivamente, viria tomar as economias de todos os brasileiros, incluindo poupança e demais aplicações.

Aplica-o em imóveis, reforma de suas fazendas. E até falecer, anos após, jamais recebera uma resposta convincente da origem de tão fabulosa e inesperada "bolada".



# ADIVINHAS

- 1- Qual a maior ponte do mundo?
- 2- Qual a Capital brasileira mais segura?
- 3- O que é, o que é por mais que seja cortado, fica do mesmo tamanho?

Respostas: 1- A ponte aérea; 2- Fortaleza; 3- Baralho

## Provérbios e Adágios

- “O uso do cachimbo faz a boca torta.”  
 “Quem tem amigos, não enlouquece (ditado grego).”  
 “Pardal que acompanha João-de-barro vira ajudante de pedreiro.”  
 “A aranha, um dia, se enrodilha na própria teia.”

## Para refletir:

1. A cada bela impressão que causamos, conquistamos um desafeto. Para ser popular, é indispensável ser medíocre (Oscar Wilde);
- 2- Só não tem inimigos aquele que jamais disse a verdade e jamais amou a justiça (Santiago Ramón Y Cajal, prêmio Nobel da Medicina em 1906);
- 3- A vida é bela; que as gerações futuras a limpem de todo o mal (Leon Trotsky).

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Lídia Fernanda de Campos

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Julia Francisca Vasconcelos

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Julia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



## DIVERSAS

1. Em nossa última edição nº LXXI, Agosto/2013, matéria “O burro hospedeiro”, por problemas gráficos, ficou incompleta a nota de nº 3 e que aqui reproduzimos de inteiro teor: (3) O Evangelho faz inúmeras referências a espíritos obsessores. Em Lc 8,26-35 e Mc 5, 12 Cristo lança uma falange de espíritos maus sobre uma vara de porcos. Em Mt 12,43-45 encontramos o relato de um espírito impuro que sai de um homem e busca novas moradas até retornar à sua antiga, achando-a desocupada. Em Lc 4, 31-37 igualmente há o relato de um espírito impuro que dominava um homem ante a presença de Jesus, pregando na sinagoga, reconheceu o Poder do mestre ( “O que quereis de nós Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus! Dito isto, lançou o homem ao chão e saiu dele.

2. Denominações de rua – personalidades inexistentes: Já alertamos, por várias vezes, quanto à titulação de ruas em nossa cidade, algumas delas com denominações de personalidades inexistentes ou desconhecidas. Situação que necessita ser corrigida. A Rua Francisco das Chagas é um exemplo. Quem foi ele? Por que mereceu da Municipalidade tal distinção? (Trata-se no caso, de uma antiga via de nossa cidade e a homenagem ao cidadão Francisco das Chagas reporta aos tempos em que nossa cidade era distrito de Bom Sucesso).

Outro fato refere-se à Rua Pe. Júlio de Carvalho. Decerto um crasso erro da Municipalidade (para não se dizer algo pior). Jamais, ao que sabemos, existiu sacerdote, entre nós, com esse nome. Provavelmente, a ideia do autor da proposição (ou da Câmara ou da própria Prefeitura) seria homenagear o antigo e ilustre vigário de nossa terra, Pe. Júlio José Ferreira. O nome Pe. Júlio de Carvalho, como consta nas placas da rua, é uma ficção!

3. SICOOB CREDIVERTENTES instala Memorial – O SICOOB CREDIVERTENTES, dentro de sua política de apoio e valorização da memória e cultura, inaugurou dia 27 de Agosto último, com a presença de autoridades, funcionários, associados e dirigentes o seu Memorial, composto de peças, objetos e equipamentos de uso operacional, ao longo de seus 27 anos de fundação e ininterrupto funcionamento: máquinas de datilografia, calculadoras, fax, telex, personalizadas de cheques, terminais eletrônicos, computadores, bem como fichas, talonários, calendários, fotos, publicações, compondo um valiosíssimo acervo.

O Memorial acha-se instalado no mezanino (sobrelaja) da agência local do SICOOB na Praça Min. Gabriel Passos, 114. A organizadora do Memorial é a funcionária Antonia Aparecida da Silva (Teca) que vem reunindo zelosamente, há anos, o mencionado acervo, sendo ela, por sua vez, plena conhecedora da história da Instituição SICOOB CREDIVERTENTES, a qual opera hoje em 16 comunidades, impulsionando o desenvolvimento da região Vertentes.

Cumprimentos ao SICOOB CREDIVERTENTES pela nobilitante iniciativa que enriquece a cultura regional e em particular o movimento cooperativista.

### BOTA FORA

Vem aumentando o número (volumes) de lixo, seja doméstico, principalmente de construção e até mesmo empresarial, lançados à margem de nossas rodovias. Sem dúvida crime ambiental e péssimo exemplo de cidadão, pessoas que não querem pagar pelo uso das caçambas; diz-se até que por pirraça; Recentemente, no local “Pavuna” foi lançado uma considerável quantidade de lixo – caixas de papelão, plásticos, etc. Ao se analisar o conteúdo e a possível origem dos detritos, verificou-se que era de conhecida empresa local...

### SUCATAS

Inúmeros carros abandonados, sucatas, etc. igualmente ao longo das ruas necessário conscientizar os proprietários dos veículos e do “ferro velho” para a retirada dos mesmos, pois entulham e enfeiam a cidade, prejudicam trânsito de pessoas e veículos, acumulam insetos daninhos e correndo o risco de ferir transeuntes (crianças, idosos, etc.)

### DESTRUIÇÃO DE ÁRVORES

Uma moradora varre o passeio e trecho do calçamento próximos de sua residência, folhas caídas de uma árvore. Ao me ver passar, Me diz: - o Sr. tão defensor das árvores mas olha a sujeira que ela deixa ... Já pedimos a Prefeitura para podá-la (Podar é eufemismo, como sabemos, para mutilar, matar a árvore.)

Em síntese a Sr.ª se indigna pelas folhas e gravetos que a árvore, no outono, lança ao chão. Vê – se forçada a varrer a proximidade e entrada de sua casa e para não mais fazer esse trabalho, quer a destruição da árvore, esquecendo-se dos benefícios da sombra, do ar puro, da beleza e estética urbana. Informamos a Sr.ª, se fomos destruir tudo que dá trabalho, onde vamos parar?! Filhos, familiares, todos nós damos “trabalho” e exigimos cuidados para criar, crescer. Ao sairmos pensamos: quanto a não conscientização das pessoas e ainda pela inoperância do Poder Público que não limpa assiduamente as ruas, deixa as árvores se encherem de ervas de passarinho e depois ... Bem, machado, motosserra e cidade desfigurada!

Patrocínio:

EletrôMóveis



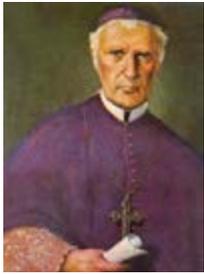
COOPERBOM

Apoio Cultural:



## Visitas pastorais apostólicas

Visitas Pastorais Apostólicas<sup>1</sup> na Freguesia de São Tiago Maior e Sant'Ana e na Capela Filial de Nossa Senhora das Mercês da Água Limpa



1º- Bispo que em suas visitas pastorais pelo território do Bispado de Mariana visitou<sup>2</sup> a singela capela primitiva de São Tiago Maior e Sant'Ana no período entre (1821-1825) foi Dom Frei da Santíssima Trindade<sup>3</sup>.

2º- Bispo que visitou a Capela do Curato de São Tiago, foi o Exmo. e Revmo., Dom Antônio Ferreira Viçoso<sup>4</sup> esteve em 2 meses aqui nos anos 1851 e 1854.



3º- Bispo que visitou a Freguesia de São Tiago, foi Dom Silvério Gomes Pimenta<sup>5</sup> em 1896 quando Bispo Auxiliar de Dom Benevides, em Mariana e titular de Cãmaco e Bispo diocesano de Mariana nos anos de 1908 e 1914.

4º- Bispo, em 18 de maio de 1929, Dom Antônio dos Santos Cabral<sup>6</sup>, em visita pastoral apostólica, esteve na Vila de



Nossa Senhora das Mercês e no distrito de São Tiago. Nesta mesma visita observou que havia necessidade de se colocar um vigário cooperador para o Padre José Duque, para facilitar os trabalhos pastorais e assistência espiritual no distrito e na vila. Em outras datas esteve presente sendo em 06/1946, 06/1948, 04/1953, 04/1956. Nos dias 07 a 12 de maio de 1941, Dom Antônio dos Santos Cabral saía em visita pastoral auxiliado pelos Freis: Clemente de Maletto FMC, Plechelmo Sandero, OC e pelo Revmo. Monsenhor Vicente Soares, que na ocasião começava o percurso em Pedra Negra de Bom Sucesso no sentido a Mercês de Água Limpa e São Tiago. Visita Pastoral de Dom Cabral 18 a 22/10/1944 no distrito de São Tiago e, 22 a 25/10 na Vila de Mercês de Água Limpa. Sendo acompanhado pelo Padre Nagib Gibran, Padre Elpídio e Monsenhor Vicente Soares (Visitador Arquidiocesano). Outras datas 06/1924, 24 a 25/05/1929, 10/11/1933, 1941.



5º- Bispo que visitou a paróquia foi o Exmo. e Revmo., Dom José Medeiros Leite<sup>7</sup>, bispo de Oliveira, em 19 de agosto de 1946. Esteve presente nas visitas pastorais<sup>8</sup> nas seguintes datas: 21 a 24/07/1948; 24 e 25/07/1957; 25/07/1958; 24 e 25/07/1960; 16/09/1962; 16 e 17/08/1963; 17/05/1964 e, por fim, em 26/07/1970.



6º- Bispo que visitou a paróquia foi o Revmo. e Exmo., Dom Antônio Carlos de Mesquita, Bispo de Oliveira, em 25/07/1974; 26/07/1975; 25/07/1976; 25/07/1977; 25/07/1978; 25/07/1979; 25/07/1980; 27/08/1981; 25/07/1982 e em 25/07/1983.

7º- Bispo que visitou a paróquia foi o Exmo. e Revmo., Dom Francisco Barroso

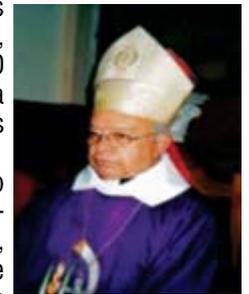


Filho, bispo de Oliveira, em 25/07/1984; 25/07/1985; 25/07/1988; 25/07/1989; 15/08/1990; 25/07/1992; 25/07/1996; 27/09/1998; 02/10/1999; 12/11/2000, 28/10/2001 e em 27/06/2004. Dom Barroso não esteve somente nestas datas, mas sempre que se necessitava de sua calorosa presença. Como no falecimento de nosso querido Padre Tiago de Almeida, nos 60 anos de vida sacerdotal do Monsenhor Eloi, bem como, no seu falecimento e por muitas outras vezes celebrando nesta paróquia no dia do padroeiro e Semana Santa.



8º - Bispo que visitou a paróquia, foi o Exmo. e Revmo., Dom Jesus Rocha, em 05/06/2005, por ocasião do 150 anos de criação e instalação da Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana e Crismas (04/06/2006).

9º - Bispo que visitou a paróquia, foi o Exmo. e Revmo., Dom Miguel Angelo Freitas Ribeiro, em 01/06/2008, 13/12/2009, 12/12/2010 e 06/11/2011, por ocasião de Crismas na paróquia. A visita pastoral desse prelado em São Tiago foi nos dias 04 a 11 de agosto de 2012.



Com a sucessão dos outros bispos de nossa diocese continuou a zelosa missão apostólica nas visitas pastorais, crismas e no dia do padroeiro.

Marcus Santiago Membro do IHGST

1 Não foi possível conseguir as datas precisas das visitas pastorais, para tal, usamos o Livro de Registro de Crisma e Batizados nos quais alguns bispos faziam a devida anotação de sua presença durante as visitas. A maioria das datas são correspondentes ao dia em que os Bispos realizavam crismas na paróquia. Alguns bispos aproveitavam e faziam suas visitas pastorais.

2 Segundo visitas pastorais de Dom Frei da Santíssima Trindade: "A Capela Curada de São Tiago desta Matriz (N. Sra. do Pilar de São João del-Rei), está a sete léguas e da de Santa Rita quatro léguas. Tem 741 almas (habitantes), nesta aplicação tem uma ermida pública na fazenda das Laranjeiras". Visitas Pastorais de Dom Frei da Santíssima Trindade. (1821-1825).

3 Coleção Mineiriana Série Clássicos p. 238 BH 1998.

4 Dom Viçoso foi quem organizou a fundação da paróquia juntamente com o pedido dos moradores do distrito de São Tiago.

5 É interessante assinalar que se encontrava Sr. Excia. Revma. aqui nessa visita, quando, pelo Exmo. e Revmo., Sr. Núncio Apostólico foi chamado a suceder, como Bispo Diocesano de Mariana, a Dom Antônio Correa de Sá Benevides.

6 Dom Antônio dos Santos Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, prestou sua bondosa assistência espiritual a esta circunscrição em 1924 e 1941.

7 Igualmente, Dom José Medeiros Leite, Bispo Diocesano de Oliveira, além das piedosas visitas pastorais que fez a Paróquia em diversas outras vezes, assistiram a sua paternal presença todos os anos, no dia 25 de julho, consagrado o dia do padroeiro.

8 Ao longo da caminhada pastoral aparece a figura do visitador diocesano Monsenhor Vicente Soares que se faz presença na cidade nos dias 10 a 14 de setembro de 1946.

# Jacinto Doido

Famoso e temerário personagem de nossa história, Jacinto “Doido” era, a princípio, pequeno proprietário rural na região do “Ouro Fino”, onde residia e exercia atividades pecuárias ao campo (criação de animais domésticos, cultivo de pequenas lavouras de subsistência, etc.). Imóvel situado próximo à capela de Santo Antônio (povoado do Ouro Fino). Solteiro, tinha como vizinhas suas irmãs, Bárbara e Cotinha, ambas exímias tecelãs (tecedeiras de colchas); outros irmãos: Sr. José Luiz de Oliveira, Sr. João Luiz (Carapuças), portanto de tradicional e conceituadíssima família de nosso meio.

Era pessoa de comportamento instável, “zorate” ou “azoratado”, na linguagem popular, daí o epíteto “doido”, que lhe acompanhava o nome. De estatura média, andava sempre com um surrado casaco bege abotoado até a gola, seu companheiro inseparável, não importando se era dia chuvoso ou de sol intenso. Calças largas, andar gingante que lhe emprestavam uma aparência inusitada, de personagem vindo de séculos passados.

Segundo parentes e vizinhos, Jacinto passou a ter atitudes estranhas, surtos psicóticos e transtornos obsessivo-compulsivos, que chegaram, por vezes, a uma demência agressiva e descontrolada, após ter sido atingido acidentalmente, no trabalho, na região da cabeça, por um caibro de madeira, que se desprendera da cumeeira, quando da reforma de uma casa. Dessa época em diante, desenvolveu ímpetos incendiários, um piromaníaco temido, ateando compulsivamente fogo nas pastagens suas e de vizinhos ou por onde quer que transitasse; a deixar abertas ou mesmo arrancar porteiros e tapumes, misturando e extraviando gados, ao longo dos caminhos e propriedades, com prejuízos e dissabores para os proprietários; a atenazar e a se altercar com terceiros, conhecidos ou não.

Internado várias vezes no Manicômio de Barbacena, de lá fugindo sistematicamente, em passes de mágica, retornando – sabe-se lá como! – a São Tiago e daí às casas de parentes, ocasionando sempre transtornos familiares e sociais. Tamanha a sua habilidade, astúcia e rapidez em fu-



gir do “hospício” de Barbacena, que, passou-se a dizer, ter Jacinto poderes ou “partes” com o sobrenatural.

Tinha ainda o hábito de viajar, noite alta ou já pelas madrugadas, em atos de gesticulação e vozerio ininteligíveis, ventríloquo, por vezes, atemorizando moradores e transeuntes com os quais, eventualmente, cruzava pelos caminhos, bem como açulando e se confrontando com os cães das fazendas, afugentando rebanhos, etc. Um noctívago impertinente, um perigo ambulante para familiares e moradores por onde se deslocava...

## “CAUSOS”

As ruas da cidade, naquela noite, regurgitavam de transeuntes. Duas ou três pessoas havia falecido e estavam sendo veladas, conforme o costume local, em suas residências. Jacinto dirige-se, meia noite já vencida, a um dos velórios que se realizava nas proximidades do estádio do Tupinambás F.C. no bairro Cerrado. Ambiente circunspecto, o ar solene e contrito das pessoas, o esquife ornamentado de flores, circundado e iluminado por grossas velas e círios. Cumprimenta a todos os presentes, em considerável número, externando sentimentos especiais aos familiares do defunto. Fala, todavia, em voz alta, estridente, descontrolada, como lhe era peculiar.

Alguém, sensatamente e em reduzida e delicada voz, sugere-lhe: - Sr. Jacinto, por favor, fale mais baixo. Há mulheres e crianças dormindo nos quartos e também homens da casa que sairão ao amanhecer para tirar leite em seus sítios, e que retornarão ainda para o sepultamento de seu ente querido. Todos precisam descansar e, enquanto isso, nós aqui, mais descansados, velamos o morto.

Jacinto, ante a verberação, se agasta, se enerva. Sobe nas tamancas.

- Falo na altura que quiser. E fiquem aí com este defunto “melindrado”, cheio de nove horas, de salamaleques, que estou indo lá para o Cruzeiro onde tem outro defunto mais “animado”.

Enquanto se afasta atabalhoado, espevitado, apregoa: - E olha que lá tem uma cachacinha da boa, supimpa, daquelas capazes até de levantar o defunto...

Festiva procissão noturna em honra ao padroeiro São Pedro percorre as ruas do povoado de Carapuças. Rua e casas enfeitadas, com lumeeiras, bandeirolas pelas janelas. Fiéis se locomovendo devidamente enfileirados, em disciplinadas alas. Senhoras portando estandartes. Um grupo especial de confrades de irmandades religiosas, todos paramentados, empunhando lanternas acesas, com tocheiros, ladeiam o andor que conduzia a imagem do santo pescador e porteiro dos céus. Jacinto é um deles e acompanha, contrito, todo o trajeto. Hinos religiosos são cantados, entremeio aos acordes e números regimento ministrados pela banda de música presente.

Encerrado o roteiro externo, antes da veneranda imagem adentrar a nave da capela para as solenidades finais, Mons. Elói, o oficiante, comanda, sob o pálio, uma série de “vivas” ao santo patrono da localidade, a São Tiago Maior, a Sant’Ana, a Nossa Senhora e vários outros nomes da Igreja. Alguém, dentre a multidão, aproveita o ensejo, gritando loas a Mons. Elói, ao Bispo da diocese, a S.S. o Papa, etc., ao que o rebanho aclama, em uníssono.

Faz-se pequeno, mas profundo, tocante silêncio. Jacinto Doido aproveita o emblemático momento e ergue, então, alto a lanterna, tocha com pleno clarão, bradando de forma retumbante:

- Viva o Jacinto, cidadão brasileiro e homem de fé, que está carregando essa lanterna e de quem ninguém se lembra que ele existe... Afinal, este mundo não é só de santos, de papas e de bispos, não...

**III** Jacinto, em suas contínuas andanças, não se “apertava” como e onde se acomodar, se alojar. Para passar a noite, abrigar-se de um temporal, mesmo alimentar-se, refugiava-se em qualquer lugar, não importando se área pública, se propriedade alheia. Aliás, não tinha noção exata disso. Um paiol, um galpão, um cômodo no fundo de uma horta, uma despensa, uma capela, serviam-lhe como guarida.

Certa noite, o Sr. Odilon de Almeida, ilustre são-tiaguense e de saudosa memória, deslocando-se até o quintal, a fim de fechar os cômodos externos, dentre eles o galinheiro, o que fazia diária e religiosamente, percebeu, embora a escuridão reinante, que as galinhas estavam inquietas, desassossegadas. Algo estranho, pensou.

Adentrou o galinheiro, no intuito de observar melhor o ambiente, passando a conferir seu interior e porta. De sobressalto, foi abruptamente agarrado por alguém, dentro do cômodo, que, com ares de euforia e possessividade, exclamava, a plenos pulmões:

- Peguei o ladrão! Peguei o ladrão!

Era Jacinto que ali se homiziara para passar a noite e que, denunciado pelas moradoras do galinheiro, ainda se gabava de deter o “ladrão”, na verdade, o proprietário...

**VI** Era homem andejo. Quase sempre com o pé na estrada e azucrinando, tumultuando por onde quer que passasse. Em uma de suas inúmeras idas a Passa Tempo, onde era muito conhecido, pervagou, como era de seu costume, pela cidade ao longo do dia. Chegada rapidamente a noite, mês de junho frio, desanimado de retornar para casa no dedão, foi até a delegacia de polícia, por coincidência lá encontrando o delegado, que estava atendendo uma ocorrência.

- Doutor, vim saber do senhor onde é que tem velório hoje na cidade?

- Mas, para quê o senhor quer saber onde tem defunto, Sr. Jacinto?

Pelo que sei não há velório hoje na cidade, não...

- Então, são doutor, o Sr. me arrume um canto aí onde eu passar a noite. Se tivesse velório, eu ia me acomodar lá, não importunava o senhor, não...

E o delegado ainda teve que providenciar café, “mastigo”, cobertor reforçado para Jacinto naquela noite tão fria e... sem velórios.

**VII** Era visto, por vezes, ou ouviam-no passar, - uma avolumada ladainha - pelas estradas, conduzindo um imaginário carro de bois. Entre assobios, interjeições, chamados, comandos, com uma vara de bambu-açu à guisa de ferrão ou, quem sabe, da própria boiada, ia guiando hipotéticos animais carreiros:

- Ruma, Rochedo!

- Arreda, Sertanejo!

- Eia, Ventania!

Tamanha algaravia e vozeria pelos caminhos e atalhos percorridos por Jacinto, tornavam-no temido, senão abominado por muitos moradores e boiadeiros, pois assustavam e desencaminhavam os bois de verdade conduzidos por aqueles trechos. Tinha o hábito ainda de bater, noite alta, em sedes de fazendas ou humildes moradias de lavradores, acordando-os e desassossegando-os, espancando animais, levando transtornos a todos.

Quando em estado de “manso”, era excelente trabalhador, não só em lides pesadas do campo (reforma de cercas, limpeza de pastos, etc), mas também exímio doceiro e tacheiro nos engenhos de açucar das fazendas.

**IV** Tinha o hábito de, periodicamente, visitar - incomodar, na verdade - os parentes no povoado de São Pedro das Carapuças. Utilizava-se, por vezes, dos caminhões leiteiros que saíam de São Tiago, ao amanhecer, dentre eles o de propriedade do Sr. José Luiz de Freitas (o nosso saudoso Zeca do Toniquinho)

Noctívago, ia para a porta da residência do Zeca, nas proximidades da Sede Social Santiaguense e de momento a momento, ao longo de toda a noite, seja à meia noite, às duas horas da madrugada, batia sistematicamente na porta, vociferava:

- Levanta, Zé “Canequinho”! Já é hora de sair....

Invertia sempre o apelido do Zeca, por vezes, gritando “Zé Carioquinha”, “Zé Cercadinho”

Quando tinha Jacinto como caroneiro - ossos de cada ofício - Zeca, sua família e vizinhança não dormiam...

**V** Jacinto, sendo solteiro, tinha crença em se casar. Era sempre candidato enamorado - sem que as escolhidas soubessem, talvez, de suas reais intenções - a qualquer viúva “importante” (ou seja rica, bonita) da cidade. Tinha o hábito de levar-lhes presentes - frutas, verduras - quiçá colhidas em alheio pomar.

Tendo se enviuvado certa senhora da sociedade local, Jacinto se entusiasmou, alardeando que iria fazer-lhe corte e proposta de casamento, pois que, na sua acepção, “era rica”. O falecido, fazendeiro e industrial, tinha em vida, de comum acordo com a esposa, pressentido a morte prematura, feito a partilha dos bens em prol dos filhos, de forma que a viúva, na prática, tinha apenas o usufruto do patrimônio.

Alguém o alerta:

- Jacinto, o que ela tem são muitos filhos e alguns ainda menores para serem criados...

Foi um balde d’água fria nos devaneios e arroubos de Jacinto, que ainda murmurou:

- Tu tá besta, home!... Tô sartando de banda...Num sou tico-tico para criar filhote de curro-curro!

**VIII** Uma das muitas residências “frequentadas”, ainda que esporadicamente, por Jacinto era a do casal, Sr. Américo Honorato e D.<sup>a</sup> Ana Cândida de Jesus no Córrego Fundo, cuja presença infundia medo às crianças e mesmo adultos. A simples menção ao seu nome trazia desassossego e temor a todos, em especial às crianças. Era uma espécie de bicho-papão em pessoa. Certa vez, ausente o Sr. Américo, que estava cuidando de lavouras em local distante, sua esposa e filhos, todos menores, foram “agraciados” com a chegada de Jacinto, que, de longe, se fazia anunciar pela cantoria característica. Crianças alvoroçadas, respiração ofegante, mãos trêmulas buscando, celeremente, fechar janelas, trancar portas, para a seguir, esconderem-se sob as camas ou dentro dos armários e até no forro, enquanto Jacinto esmurrava portas, ao som de gritos, ameaças e encantamentos.

Não conseguindo adentrar a casa, Jacinto uniu-se de grosso galho, arrancado de um marmeleiro do quintal, dirigindo-se incontinenti à ceva, onde, aliviando sua fúria insana, entremeio a brados incompreensíveis, vergastou cruelmente porcas e leitões, deixando-os nas vascas da morte. Isto posto, dali saiu, cantarolando estrada afora, como se nada tivesse acontecido.

O Sr. Américo era muito requisitado pelos moradores das redondezas para serviços de corte de cabelos, barba. Chega, certo dia, de surpresa, Jacinto acompanhado de uma cachorra, de nome Susete. Exigiu que o Sr. Américo lhe cortasse os cabelos, o que o anfitrião barbeiro logo se prontificou. Cabelos aparados, Jacinto pergunta:

- você vai me cobrar?

- Não, não vou. Mas quero que você me faça o favor de parar com algazarras e desordens na minha casa, aproveitando-se de minha ausência e assustando minha família.

- Eu não apronto nada, são Américo, desconversou o andarilho. Mas como agradecimento pelo corte do cabelo vou mandar a Susete dançar o “Alto do Cajuru” e “Saudades de Matão” pru sinhô e toda sua família”

A cachorra principiou, então, a saltitar de um lado para o outro, desengonçadamente, mas ai de quem não aplaudisse “a apresentação”. Seria briga, na certa, com o dono...

“CAUSOS”

**X** Um boi do fazendeiro Jesus Mariano caíra num buraco, de difícil acesso. Animal pesado, vistoso, de cor preta. Organizou-se um grupo de vizinhos ali da região do Ouro fino que, munidos de enxadas, laços, buscavam retirar o animal da barranca. Jacinto era um deles e dos mais entusiasmados. Outro companheiro era José Grosso, homem corpulento, trabalhador, negro. O pessoal laçara já o boi e os que estavam na parte alta da vógoroca, agarrados ao laço, puxavam, unidos, num só ritmo, a rês. Jacinto gargalhava e “espetava” o companheiro, dizendo: - vamos, minha gente, tirar o preto!

Após repetidas referências à sua pessoa, José Grosso revidou, tirando satisfações e ameaçando Jacinto com represálias. Dali a pouco, estavam os dois engalfinhados, numa luta brutal, de arrancar cascalhos e paus por todos os lados. Musculoso, fisicamente muito mais forte, conforme seu apelido indicava, em minutos abatera Jacinto. Uma senhora sova! Jacinto, mesmo vencido e até ferido, roupas em frangalhos, não se intimidou. Afastou-se à distância, continuando, em meio às risadas dos presentes, a gritar e a açular:

- Vamos, minha gente, vamos tirar o preto!

**IX** Andarilho constante, aparecia, por vezes e igualmente na povoação da Içara. Tinha o hábito, chegando às casas, solicitar aos moradores que lhe examinassem os pés, para localizar parasitos (bichos de pé). Tão logo a pessoa se inclinava, atendendo ao pedido do barulhento e incômodo visitante, este passava a gargalhar, exalando odores nauseantes, não se importando se outras pessoas estivessem presentes, se horário de refeições, se a casa cheia de visitas.

Dizia aos “enfermeiros” da casa:

- Vou abrir uma farmácia na cidade, vender muito remédio, mas para freguês de quem não gosto, vou vender é veneno...

**XI** Fugitivo várias vezes do Hospício de Barbacena, retornava ao nosso meio, através de um itinerário próprio que envolvia as cidades e trechos dos municípios de Barroso, Prados, Resende Costa. Da primeira vez que fora internado e de lá fugira, chegara ao Ouro Fino com os pés inchados, sangrando, pois caminhara dias a pé e muitas vezes em meio a trilhas e matagais. Observador, tirara lá suas conclusões sobre os métodos de tratamento do hospital, que só poderiam ser improvisação ou inconsciente sadismo. Questionado como era o tratamento no hospital, informou aos familiares e vizinhos:

- Colocavam a todos nós, dezenas de internos, durante horas, para encher um cocho enorme com água. O cocho, porém, era furado e a água, que nós carregávamos de longe em baldes e latas, vazava por todos os lados. Cá, entre nós: naquele lugar lá só tem doido – onde já se viu encher com água um cocho cheio de buracos?!

## HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

Uma das páginas mais vergonhosas da história brasileira tem como cerne o sistema público manicomial, em que, ao longo de décadas, milhares de brasileiros deserdados foram compulsória e impiedosamente encerrados em hospitais psiquiátricos, dentre eles o Hospital Colônia de Barbacena. (1)

Construído na década de 1920, calcula-se que cerca de 60.000 pessoas ali morreram no período de 1930 a 1980, nas condições mais abjetas e semelhantes aos campos de concentração nazistas ou aos gulags da Rússia comunista. Bastava um motivo, às vezes simplório, senão apavorante e a pessoa era lançada num carro da prefeitura ou no “trem de doido” (2) (denominação que a população dava à chegada dos trens carregados de “doidos” e sumariamente despejados, como animais levados ao matadouro, no Hospital Colônia). Alcoolismo, epilepsia, prostituição, desafetos políticos ou pessoais, mendigos, mães solteiras ou que perderam a virgindade, doentes mentais, homossexualismo, um familiar “difícil”, implicância de vizinhos poderosos, militantes políticos, tudo servia de diagnóstico para se livrar daquela sorte de indesejados e infelizes. Um considerável número ficaria para sempre por ali mesmo, pois poucos conseguiram sobreviver aos maus tratos e escapar daquele “porão de horrores”. Uma macabra história de extermínio e desumanidade cometida pelo Estado, com a cumplicidade da sociedade.

Pacientes nus, sujos, andando desnordeados pelos pátios, mulheres estupradas, crianças misturadas a adultos, castigos físicos e choques a título de “terapia”. Ali jogados, sucumbiriam ao frio, à fome, maus tratos, pneumonia, diarreia, abandono, eletrochoques, torturas, alimentação deficiente e por colchão, capim ou feno. Uma média de 16 internos morria diariamente. Seus corpos, despídos e vulgarizados, eram enterrados em valas comuns ou vendidos lucrativamente a faculdades de medicina, até mesmo públicas. Se este mercado “saturava”, os cadáveres eram dissolvidos em ácido no próprio pátio do hospital, à vista dos demais internos e



comercializados os esqueletos.

Médicos psiquiatras que ousaram denunciar o vergonhoso tratamento ali observado, como o Dr. Francisco Paes Barreto em 1966 e o Dr. Ronaldo Simões Coelho em 1970, foram perseguidos pelo Estado e até processados pelo Conselho Regional de Medicina. A revista “O Cruzeiro” realizou uma série de reportagens sobre a colônia (1961); em 1979, o repórter Hiram Firmino publicou no jornal “Estado de Minas” ampla reportagem sob o título “Porões da loucura”, relatando as crueldades ali praticadas impunemente, assunto que chocou o País. O cineasta Helvécio Raton realizou um documentário, intitulado “Em nome da Razão”, sobre o mencionado hospital dos horrores, filmado no interior da colônia e que gerou grande comoção nacional e internacional. A jornalista Daniela Arbex publicou recentemente, Editorial Geração, o livro “Holocausto brasileiro – 60 mil mortos no maior hospício do Brasil”.



### NOTAS

(1) Inúmeros outros hospitais colônia para tratamento de doentes mentais foram instalados no País, dentre eles o de Juqueri (hoje cidade de Franco da Rocha, em S.Paulo)

(2) O médico e escritor Guimarães Rosa, que morou em Barbacena, assistiu em 1933 e se estarreceu com a chegada dos trens cheios de “doidos”, relatando o fato em seu conto “Soroco, sua mãe, sua filha” publicado no livro “Primeiras estórias”.



## O Espigão da Rosália

M. era um celerado da região do Monte Pio, ali reinando impune em idos tempos. Tido como feiticeiro, detentor de poderes mágicos, conhecedor e manipulador de poções e corações, impunha-se a todos pela audácia, pelo temor, pela fascinação<sup>(1)</sup>. Um tranca-ruas. Um dunga. Um sátiro. Um bacântico a reinar nessas nossas então rudes paragens.

De fazendeiros e potentados, que evitavam bater de frente, com indivíduo comprovadamente perigoso, e que na prática servia-lhes os interesses, extraía valores em formas de presentes, agrados e mútua proteção, além do asfixiante silêncio. Dos pobres, extorquia-lhes os parcos bens, a subserviência e principalmente a honra.

Dissoluto, luxurioso, de hábitos licenciosos, usava e abusava das mulheres de então, em especial as mais vulneráveis (solteiras, viúvas, aquelas na ausência de maridos ou quando não, abertamente, invasivo constringendo, com cruza e violência os maridos fragilizados e os pais indefesos a lhe cederem o tálamo doméstico). À maneira de um déspota, impunha-se pelos seus “sartilégios” aos vizinhos e aos seus lares e leitos. Era, ademais, um exímio manipulador de armas brancas, ágil nas lutas corporais, e que com as suas gingas e malabarismos, atemorizava a todos. As autoridades, como de sempre, faziam vistas grossas. No mínimo, morosas, letárgicas, portanto coniventes...<sup>(11)</sup>

Ardiloso, invectivo, utilizava-se de todos os meios para alcançar seus objetivos, seja a sedução dissimulada, a galanteria, ou então o desabrido, a violência explícita.

Um silêncio tenso, aterrador cercava aquelas ermas e violadas paragens, inclusive o local denominado “espigão”. Naqueles dias, Rosália estava impaciente, agoniada. Viúva recente, residindo em pequeno sítio, em companhia da filha adolescente, recebera a informação – um recado – de que M. iria “visitá-las”. E que o mesmo aguardava boa mesa e ainda a melhor cama... E em dose dupla!

A pobre mulher, vítima já, como tantas outras, do malfeitor, cônica de sua impudícia e desvario, sabia o que as esperava. E deixava-se tomar pelo pânico simplesmente ao refletir quanto às intenções do “visitante” e das conseqüências de tão abominável presença. Temia especialmente pela filha adolescente, decerto o alvo principal do devasso.

Manteve longa conversa com a jovem filha. E ambas se prepararam ante a indesejada visita. Não tinham a quem recorrer, pois ninguém, vizinhos, familiares, autoridades, ousavam enfrentar o temível barba azul. Esse dia, ou melhor, a noite tão execranda, chegou. Visitante indigno, desprezível. Lá dentro, fogão aceso, bastante lenha em combustão. Tachos de água fervente. Tosco mobiliário. O pilão de socar café ao canto. O candeeiro bruxuleava a custo, bafejado pelos suspiros das sôfregas mulheres à sua volta.

Tão logo adentrou o recinto da singela vivenda, o homem não se fez de rogado. Disse que passaria ali a noite e que, conforme o seu aviso e como de praxe, lhe fossem servidas a melhor mesa e o mais aconchegante leito. E devidamente acompanhado. Das palavras passou em minutos à ação, assediando-as abertamente. Gestos rápidos, intencionais, intensivos, ostensivos. Aproximou-se da mocinha, buscando tocá-la e enlaçá-la, enquanto dirigia-lhe palavras rocambolescas, envolventes. Encontrando resistência, passa a extremadas ameaças. Num golpe, busca-lhe o corpo e a arrancar-lhe as vestes. A jovem consegue se desvencilhar, ou talvez, simulando um consenso, corre em direção à cozinha. Estratégia previamente combinada entre as mulheres. A candeia fora, propositadamente, apagada e apenas o lume do fogão clareava parcialmente o ambiente.

No intuito de alcançar a jovem, o homem, tão logo transpõe o umbral da cozinha, depara já com uma “tachada” de água fervilhante, atirada pela mãe em desespero. O repulsivo violentador é atingido em cheio. Estonteado, engeguecido e inteiramente queimado pela ação da água fervente, o homem lança gritos lancinantes, hórridos. Tenta a custo se recompor, quando é atingido na cabeça pela mão de pilão, tombando de borco ao solo. E nova remessa de água escaldante.

Deu-se então uma cena macabra. Mortalmente ferido e com praticamente todo o corpo queimado, cabeça aberta, a roupa colada à pele viva, o homem na junção de todas as suas forças, muniu-se de um punhal, retirado dentre as roupas em frangalhos, buscando, por todas as formas, às cegas, desferir golpes contra as mulheres ali apalermadas e em estado de choque. Presentindo, todavia, ser inútil sua luta, exangues as forças, o descomunal bruxo, entre o estertor da morte e



a veemência da vida, tonitrouou: - Eu tenho o corpo fechado e enquanto não for “quebrado” o encanto, não consigo morrer! Só morro, se me for quebrado o pescoço.

Rosália então golpeou-o novamente e com total fragor, quebrando-lhe o pescoço, cortando-lhe o fluxo vital e o domínio físico de tão pérfidas forças. Daí a instantes, entre grunhos e vivos, tombava de vez o esfrangalhado corpo aos pés das mulheres, a essa altura, ensandecidas.

Naquela mesma noite, o assunto espalhou-se pelas redondezas e dali à cidade. Autoridades, à frente o delegado da época, são acionadas. O Cel. Modesto de Castro é igualmente demandado, cedendo um carro-de-bois e uma junta para fazer o transporte do corpo até à cidade.

Nova e terrível surpresa. Embora compactado e desfigurado pelo efeito das queimaduras, o corpo, para espanto de todos, adquirira um peso insustentável. O carro-de-bois parecia estar transportando chumbo. A muito custo e a poder de ferrão, os bois se arrastaram, estrada afora. A viagem não rendia animais e carreiros esgotados. Até que, ao adentrar a cava do morro do Coração, a boiada arriou. Desabou de vez. Os bois tiveram que ser descangados, para fins de descanso e ser retomada a macabra faina na manhã seguinte, permanecendo o carro e o caixão estáticos no meio do desfiladeiro.

Eis que, horas mortas, passa por ali o sr. José Mascena, fazendeiro da região, em direção ao arraial. Um breu. Tão logo penetra a cava, seu cavalo refuga. Empina. Bufa. Resiste em prosseguir, por mais acicatado. O cavaleiro acende então o isqueiro e depara com a lúgubre cena. Aturdido, acreditando estar “vendo coisas”, consegue atravessar a cava, à custa de muitas esporadas, dirigindo-se célere à cidade, onde, contudo, a população já se achava inteirada do funesto fato.

Pela madrugada, boiada e carreiros, já recompostos e, com a ajuda de moradores e em meio a muita reza e esconjuros, conseguem finalmente chegar até o arraial. Embora conduzissem somente o corpo, o carro rangera ao longo do interminável percurso, como se carregasse toneladas; as rodas adentravam palmo ou mais a terra, pedras espatifavam-se à passagem do comboio, frio e estranho vento soprava arrancando chapéus e o sossego das cabeças...

Dali, ante o assombro da população, à úmida cova do cemitério, o terror da região, o maludo, o sedutor, o violador tão temido, ei-lo enterado e que caíra ante as mãos frágeis e apavoradas de duas desvalidas mulheres...

### NOTA

1 - A História registra considerável número de sedutores, alguns supostamente dotados de poderes sobrenaturais, conseguiam envolver e fascinar mulheres das mais variadas classes sociais e faixas etárias. Zaharoff, Crowley, Calglistro, Casa Nova, Rasputin, dentre os mais recentes, muitos devassos e impudicos. Isto sem se mencionar sultões, emires e tantos outros potentados do Oriente, conhecidos por sua devassidão e abusos.

Um dos mais intrigantes sedutores é o do monge russo Grigoriy Yefimovich Rasputin (1869/1916) que conseguiu, apesar de semi-analfabeto, sujo, fascinar e seduzir praticamente todas as mulheres da Corte e da alta sociedade russa. Dizia-se ser um homem de poderes hipnóticos e com estranho poder sobre as pessoas, em especial mulheres. Tinha incrível ascendência sobre a czarina Alexandra, de quem tornou-se confidante, e passando a ter poderes até mesmo políticos e institucionais. Sua morte tem características estranhas. Assassinado a 17/12/1916 em São Petersburgo (capital russa da época), por nobres da alta aristocracia, tendo resistido antes de receber o tiro fatal, a todas as formas de eliminação: envenenamento, porretadas, asfixias, emasculação e afogamento.

11 - O sr. Pedro Coelho na lucidez hoje de seus quase 100 anos, no informou, em conversa coloquial, que a única autoridade local que enfrentou e deu umas “corrigendas” ou “estregas” no tal M. foi o delegado João Caputo.

# "Doutor" Júlio



Júlio dos Reis Vivas, o "Doutor Júlio", como gostava de ser chamado, foi uma das mais emblemáticas e enigmáticas figuras de nossa comunidade. Nasceu em Bom Sucesso, em 03/12/1913 Órfão, juntamente com três irmãs (duas delas de nome Maria Amélia e Maria Augusta), foram criados por parentes em Bom Sucesso e Belo Horizonte. Seus pais: João José Vivas e Cornélia dos Reis Vivas. Alistou-se jovem no Exército e teria participado ativamente da Revolução de 1930, inclusive nas escaramuças e combates que ocorreram na região de São João del-Rei, entre tropas legalistas e rebeldes, circunstâncias e lembranças que lhe renderam sequelas (teria sido ferido num dos confrontos) e uma acentuada, emperdigada neurose. Esteve ainda, segundo algumas fontes, entre os convocados para a II Guerra Mundial, tendo ficado acantonado no Rio de Janeiro, durante algum tempo, aguardando eventual embarque para a Itália. Acabou, todavia, sendo desclassificado, retornando a São João del-Rei. O Sr. Antônio Santos, ex. combatente da FEB, nosso inesquecível amigo, aqui casado com a Sr.<sup>a</sup> Edite Vivas, afirmava ter conhecido o "Doutor Júlio" à época de sua conscrição ao Regimento Tiradentes em São João del-Rei, trabalhando nos serviços de rancho (cozinha).

Falante, eloquente, bem apessoado, querelador, dono de um palavreado e um rompante dignos da alta nobreza, convenciam a todos pela impetuosidade das ideias, algumas estapafúrdias, pela jactância ou ainda pelo autoritarismo e poder de que se julgava detentor. E ainda pelo cansaço, pois "Doutor" Júlio, na sua neurastenia, alongava o assunto por horas. Detestava ser contrariado ou contraposto.

Dotado de neurose, incorporava várias personalidades e identidades. Uma hora dizia ser general, outra vez apresentava-se como senador e por vezes afirmava ser ninguém menos que o Dr. Júlio

Prestes, presidente da República eleito em 1930, mas impedido de tomar posse pela Revolução (golpe político-militar liderado por Getúlio Vargas, o candidato derrotado nas eleições). Durante o regime militar de 1964, "Doutor" Júlio ficou prosa, envaidecido, dada a sua condição de "general". Vangloriava-se de ser amigo das mais altas autoridades militares do País, em especial quando o Marechal Arthur da Costa e Silva ascendeu à Presidência da República (Costa e Silva serviu o Regimento Tiradentes em São João del-Rei nas décadas de 1920 e 1930, na condição de tenente e depois capitão), pois, segundo "Doutor" Júlio o marechal presidente era um velho e íntimo amigo seu e não tomava nenhuma decisão de alto nível na Presidência sem "consultá-lo" aqui em São Tiago. "Doutor" Júlio convivera, portanto, no regime castrense, com Costa e Silva, quando o futuro presidente servira como oficial no Regimento Tiradentes em São João del-Rei, daí suas referências e falácias de "intimidade" e de "conselheiro" do Presidente da República de então.

"Doutor" Júlio faleceu em São Tiago em 18/06/1984, por insuficiência cardíaca, sendo sepultado no cemitério local.

"Doutor" Júlio não se casou. Já maduro, passou a viver em São Tiago com familiares, a cada temporada na casa de um, dentre eles o Sr. Job Mata (Fazenda Floresta), Zizi Mata (Faz. Manteiga), Joaquim Morel Vivas e depois seu filho Pedro Coelho Lara (Pedrinho) Frequentava e se hospedava, por períodos, igualmente nas casas do Sr. João Coelho da Silveira, Sr. Antônio Lara Vivas. Em casa, era excelente trabalhador. Cuidava exemplar e prazerosamente da horta e pomar, dos jardins e animais domésticos, tendo uma "boa mão" em tudo que fazia. Habilidoso ainda na arte de chocar e criar galinhas e demais aves domésticas. Estando o "doutor" numa dessas fazendas ou casas de familiares, as senhoras da casa agradeciam muito: não faltavam verduras, legumes, ovos, frangos; hortas, jardins e pomares muito bem cuidados, o fogão sempre aceso, abastecido por achas de lenha por ele zelosamente preparadas...



Da esquerda para a direita: Joaquim Morel Vivas, Luynes de Castro Barreto e "Doutor" Júlio dos Reis Vivas